



## DA PALMEIRA AO BANCO DE ESCOLA: A Jornada transformadora de uma Quebradeira de coco babaçu

VELOSO, Aldenira da Silva <sup>1</sup>  
SANTOS, Matilde Martins dos Santos<sup>2</sup>

### RESUMO

O presente estudo, intitulado Da palmeira ao banco de escola: a jornada transformadora de uma quebradeira de coco babaçu, tem como objetivo compreender a trajetória de vida de uma mulher nascida nos babaçuais do Maranhão, evidenciando como seus saberes vivenciais contribuíram para sua formação pessoal, educacional e profissional. A pesquisa, de abordagem qualitativa e fundamentada no método fenomenológico, utilizou como principal instrumento a entrevista aberta, permitindo apreender os significados atribuídos pela participante às suas experiências. Os resultados revelam que, desde a infância, o trabalho no extrativismo do coco babaçu possibilitou a construção de conhecimentos e valores como resiliência, autonomia e proatividade. Mesmo diante da ausência de acesso à escolarização formal, o desejo de aprender impulsionou a participante a buscar novos caminhos, levando-a à formação em Magistério e Pedagogia. Sua trajetória culmina na atuação como empreendedora na área educacional, sendo proprietária de uma Escola Técnica e de uma Faculdade no Nordeste Paraense, contribuindo para a formação de centenas de pessoas. Conclui-se que os saberes construídos no cotidiano das quebradeiras de coco babaçu são fundamentais para processos educativos e de transformação social, reafirmando a importância de reconhecer e valorizar os conhecimentos oriundos de comunidades tradicionais.

**Palavras-chave:** Saberes vivenciais; Educação; Transformação social.

### 1. INTRODUÇÃO

A pesquisa intitulada Da palmeira ao banco de escola: a jornada transformadora de uma quebradeira de coco babaçu tem como propósito evidenciar e valorizar os saberes vivenciais construídos ao longo da trajetória de vida de uma mulher oriunda dos babaçuais, cuja história é marcada pelo trabalho no extrativismo e pela busca por transformação por meio da educação. Inserida em um contexto

---

<sup>1</sup> Graduada em Pedagogia e Professora e Gestora Escolar na Rede Municipal de Ensino de Tomé-Açu/PA. E-mail: [aldeniravelosom@gmail.com](mailto:aldeniravelosom@gmail.com). Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0315429095608547>

<sup>2</sup> Mestranda em Gestão de Conhecimentos, Universidade da Amazônia (UNAMA), Diretora Geral da Faculdade de Educação Eliã (FACEEL) e Centro de Educação Eliã (CEEL), Gestora de Polo EAD UNAMA (Tomé-Açu/PA), Coordenadora de Polo EAD UNAMA em Tailândia/PA, E-mail: [matildefaceel2015@gmail.com](mailto:matildefaceel2015@gmail.com) Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3448068730512436>



social característico das quebradeiras de coco babaçu nos estados do Maranhão, Tocantins, Pará e Piauí, sua vivência revela um conjunto de conhecimentos produzidos no cotidiano, nas relações com a natureza, com o trabalho e com a comunidade, historicamente pouco reconhecidos pelos espaços formais de ensino.

O desejo de aprender constitui uma das forças mais elementares da condição humana; contudo, para muitos brasileiros, o acesso ao conhecimento formal foi, por décadas, um horizonte distante. É nesse cenário que, em 1962, nas margens do Rio Tocantins, na localidade de Jordão, município de Carolina (MA), nasce Matilde. Em meio à exuberância natural e à profunda carência social, o “banco de escola” não representava apenas um objeto, mas o símbolo de um direito negado. Crescer nesse contexto significava conviver com a ausência de salas de aula e com a presença constante do trabalho rural. Sua infância não foi marcada por cartilhas, mas pelo ritmo da lida cotidiana, na qual o saber era construído a partir da experiência, especialmente no ofício de quebrar o coco babaçu.

Ao percorrer sua infância, adolescência e vida adulta, o estudo evidencia como os aspectos culturais e históricos presentes em sua trajetória contribuíram para a construção de sua identidade e para o desenvolvimento de sua autonomia. Nesse sentido, dialoga-se com as contribuições de Paulo Freire (1996), ao compreender a autonomia como um processo contínuo, inacabado e em constante construção, que se dá por meio das experiências, das lutas e das aprendizagens ao longo da vida.

Dessa forma, a pesquisa justifica-se pela relevância de reconhecer e dar visibilidade às vozes de mulheres quebradeiras de coco babaçu, compreendendo seus saberes como fundamentais para a ampliação das discussões sobre educação, cultura e transformação social, sobretudo em contextos historicamente marginalizados.

## **2 METODOLOGIA**

A metodologia adotada nesta pesquisa fundamenta-se na abordagem qualitativa, orientada pelo método fenomenológico, que busca compreender a experiência vivida a partir da perspectiva do próprio sujeito. Conforme Antônio Carlos Gil (2008), a fenomenologia não se propõe a explicar os fenômenos por meio



de leis ou generalizações, mas a descrevê-los tal como se apresentam à consciência, valorizando os significados construídos nas vivências individuais.

Nesse sentido, a investigação teve como foco a trajetória de vida de Matilde, mulher quebradeira de coco babaçu, cuja realidade foi apreendida a partir de suas próprias narrativas. A produção dos dados ocorreu por meio de entrevista aberta, de caráter aprofundado, permitindo que a participante expressasse livremente suas experiências, memórias e percepções sobre sua história de vida, seu trabalho no extrativismo e sua relação com a educação.

A escolha da entrevista aberta justifica-se pela possibilidade de captar os sentidos atribuídos pela participante às suas vivências, respeitando a subjetividade e a singularidade de sua trajetória. Os relatos foram posteriormente organizados e analisados à luz da perspectiva fenomenológica, buscando identificar os significados emergentes presentes em sua narrativa.

Dessa forma, a pesquisa procurou revelar a realidade vivida por Matilde a partir de sua própria voz, compreendendo que, conforme destaca Antônio Carlos Gil (2008), a realidade é construída na relação entre sujeito e fenômeno, sendo aquilo que é percebido, interpretado e comunicado.

### **3 ANÁLISE DOS RESULTADOS**

A trajetória de Matilde, analisada sob a perspectiva fenomenológica e ancorada na Pedagogia Social, evidencia que os saberes construídos no cotidiano das quebradeiras de coco babaçu constituem-se como experiências formativas legítimas, capazes de sustentar processos de emancipação pessoal, social e educacional.

Nesse sentido, o babaçual ultrapassa a condição de espaço produtivo e se configura como território de vida, aprendizagem e produção de conhecimentos, ao compreendê-lo como um espaço onde se articulam cultura, trabalho e formação humana.

#### **- O saber que nasce da palmeira: educação além das paredes**

A educação de Matilde teve início ainda na infância, aos sete anos de idade, sob a copa das palmeiras. Entre 1969 e 1975, seu processo formativo esteve diretamente vinculado ao babaçual, revelando que, para além da ausência de escolarização formal, havia a presença de uma rica construção de saberes



vivenciais. O que, à primeira vista, pode ser interpretado como trabalho árduo, sob o olhar da Pedagogia Social revela-se como um processo educativo significativo.

Foi nesse contexto que Matilde desenvolveu habilidades cognitivas, sociais e culturais fundamentais, como organização, resistência, observação e análise. Sua fala evidencia essa construção,

[...]pois foi nessa profissão que pude compreender que o mundo é versátil assim como a palmeira, e que eu poderia buscar outros conhecimentos científicos, isso fez andar e continuar minha vida que atualmente exerço.” (Entrevista concedida em agosto de 2022).

A partir dessa perspectiva, dialoga-se com Paulo Freire (1996), ao afirmar que a leitura de mundo precede a leitura da palavra, reconhecendo que os saberes produzidos nas práticas sociais são fundamentais para a construção do conhecimento.

### **- Saberes vivenciais e formação da autonomia**

O trabalho no babaçual não apenas garantiu a subsistência, mas também possibilitou o desenvolvimento de valores como proatividade, resiliência e autonomia. Matilde não apenas executava a atividade de quebrar coco, mas refletia sobre os processos, avaliava metodologias e compreendia a versatilidade da palmeira, demonstrando uma postura investigativa diante da realidade.

Essa compreensão reforça o que Boaventura de Sousa Santos (2007) denomina de ecologia de saberes, na qual diferentes formas de conhecimento coexistem e se complementam, rompendo com a hierarquização entre saber científico e saber popular.

### **- A metamorfose: do babaçual à educação formal**

A transição de Matilde do trabalho no babaçual para o espaço escolar representa um marco em sua trajetória, evidenciando um movimento de superação das desigualdades educacionais historicamente vivenciadas por populações do campo. Sua busca pela escolarização, iniciada de forma tardia e marcada por dificuldades de acesso, materializa o conceito freireano de “esperançar”, entendido como ação transformadora.



Ao afirmar: “A nossa escola era o cocal, era a roça.” (Entrevista concedida em agosto de 2022). Matilde evidencia que os espaços não formais também são ambientes educativos, conforme destaca Maria da Glória Gohn (2010), ao discutir a importância da educação não formal na formação de sujeitos em contextos de exclusão.

Sua trajetória acadêmica, que inclui a formação em Magistério, Pedagogia e sua atuação como empresária da educação, demonstra que os saberes vivenciais não foram substituídos, mas potencializados pelo conhecimento científico. Ao fundar uma escola técnica e uma faculdade, Matilde amplia o acesso à educação, transformando sua conquista individual em um legado coletivo.

### **- Educação, transformação social e protagonismo**

A história de Matilde materializa a perspectiva de Paulo Freire sobre o papel transformador da educação na sociedade. Como afirma o autor, “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”, o que se concretiza na trajetória da participante, que não apenas acessou a educação, mas passou a promovê-la.

Por meio de sua luta, persistência e da capacidade de “esperançar”, Matilde não se limitou a ocupar o banco de escola que lhe foi negado na infância — ela o multiplicou. Hoje, enquanto empreendedora educacional, colabora diretamente com a formação de centenas de pessoas, ampliando oportunidades e transformando realidades. Seu percurso evidencia que o acesso à educação, quando aliado à determinação, pode gerar impactos que ultrapassam o âmbito individual e alcançam toda uma coletividade.

### **- A filosofia da palmeira: resiliência e emancipação**

Por fim, a narrativa de Matilde revela uma profunda relação simbólica com a palmeira de babaçu, compreendida como elemento formador de sua identidade e de sua visão de mundo. Sua fala sintetiza essa compreensão:

“Sou como a palmeira, aprendi com ela a crescer, reproduzir, aproveitar meus frutos e me manter do próprio fruto, criando o meu próprio adubo.” (Entrevista concedida em agosto de 2022).



Essa metáfora expressa a capacidade de transformar experiências, inclusive as mais adversas, em elementos propulsores de desenvolvimento pessoal e profissional. Assim, sua trajetória reafirma que os saberes que emergem do babaçal não são inferiores, mas constituem fundamentos essenciais para processos educativos significativos, contribuindo para a emancipação individual e coletiva e para a valorização das epistemologias oriundas de comunidades tradicionais.

#### **4 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A trajetória de Matilde, apresentada neste estudo, ultrapassa os limites de uma narrativa individual para se constituir como expressão viva da força, da resistência e da potência transformadora dos saberes construídos nos territórios tradicionais. Da infância nos babaçuais, marcada pela ausência do acesso à escola, à consolidação de sua atuação como educadora, empreendedora e mestranda, sua história revela que o conhecimento não nasce apenas entre paredes, mas também no chão da vida, nas experiências e nas lutas cotidianas.

Ao longo de sua caminhada, Matilde não apenas rompeu barreiras impostas pela desigualdade social e educacional, mas ressignificou sua própria origem, transformando o que antes era visto como limitação em fundamento para sua ascensão. Seus saberes vivenciais, construídos no labor da quebra do coco babaçu, foram essenciais para o desenvolvimento de valores como resiliência, autonomia e proatividade, que sustentaram sua busca pelo conhecimento científico e pela realização de seus sonhos.

À luz das reflexões de Paulo Freire, sua história materializa o verdadeiro sentido do “esperançar”: não esperar passivamente, mas agir, lutar e transformar a realidade. Matilde não apenas conquistou o direito de sentar-se em um banco de escola — ela multiplicou esse banco, criando oportunidades para que centenas de outras pessoas também possam trilhar seus caminhos por meio da educação.

Sua voz ecoa como símbolo de tantas outras mulheres quebradeiras de coco babaçu, cujas histórias ainda permanecem invisibilizadas, mas que carregam em si uma riqueza de saberes e experiências. Ao afirmar que é “como a palmeira”, Matilde nos ensina que é possível crescer mesmo em condições adversas, transformar dores em aprendizado e fazer da própria história o adubo para novos começos.



Dessa forma, conclui-se que valorizar os saberes oriundos das comunidades tradicionais não é apenas um ato de reconhecimento, mas um compromisso com uma educação mais justa, inclusiva e transformadora — uma educação que, assim como a palmeira, gera frutos que alimentam não apenas quem os produz, mas toda a coletividade.

## REFERÊNCIAS

Antônio Carlos Gil. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

Boaventura de Sousa Santos. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. São Paulo: Cortez, 2007.

BRASIL. **Decreto nº 6.040, de 7 de fevereiro de 2007**. Institui a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável dos Povos e Comunidades Tradicionais. Diário Oficial da União: Brasília, DF, 2007.

Maria da Glória Gohn. **Educação não formal e cultura política: impactos sobre o associativismo do terceiro setor**. São Paulo: Cortez, 2010.

MATILDE. Entrevistas concedidas nos dias 20, 22, 25 e 30 de agosto de 2022. (Relatos orais utilizados como fonte da pesquisa).

Paulo Freire. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

SOUZA, M. C. R. F. DE; FONSECA, M. C. F. R. Cenas de uma aula de matemática: território e relações de gênero na EJA. **Pro-Posições**. Campinas, v. 29, n. 3, p. 138-163, set./dez. 2018. Disponível em: &lt;[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010373072018000300138&lang=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010373072018000300138&lang=pt)&gt;. Acesso em: 26 jul. 2022.